

EDUCAÇÃO NO COMBATE A BARBÁRIE

Roberto Elber Nascimento do Nascimento¹
Paulo Lucas da Silva²

RESUMO

O presente trabalho compreende que a sociedade modifica-se ao longo do tempo. Neste sentido, espera-se que essas transformações estejam, acima de tudo, pautadas nas melhorias e no bom convívio social. No entanto, a barbárie permanece e aflige a sociedade, com o crescimento do preconceito, desigualdade, violência psicológica, física e moral. O filósofo Theodor Adorno (1903-1969), em seus estudos, defendeu a educação como um elemento necessário no combate à barbárie, quando cultivada e vivida pelas pessoas. Frente a isso, o presente trabalho busca destacar a importância da educação como uma possível ferramenta no combate à barbárie existente na sociedade. Logo, utiliza-se como principal aporte das reflexões a leitura sistemática a partir da percepção de Adorno, no texto “Educação após Auschwitz” (1986). A pesquisa é de natureza ensaística e bibliográfica, baseando-se nos estudos do filósofo Theodor Adorno. Além de construir um diálogo com Fonseca, Colares e Costa (2019), Kirchner e Cipolini (2013), Antunes e Zuin (2008), Chaves e Souza (2018), Rufino (2019). Assim, este trabalho aborda a educação evidenciando-a como ferramenta formadora e transformadora, destacando o direito ao seu acesso e contribuição para o desenvolvimento da autonomia das pessoas. Através, da mediação do professor nesse contexto da resistência à condição de violência e todas as atrocidades que acontecem e caracterizam esta sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: educação; barbárie; combate à violência.

INTRODUÇÃO

A crueldade, violência e a brutalidade são atrocidades bastante encontrado, nos dias atuais dentro da sociedade. Adorno (1986) em Educação Após Auschwitz vem retratar sobre a barbaridade que foi o maior campo de concentração e a partir disso refletir sobre a educação. Infelizmente dentro da sociedade, nos dias atuais, ainda existem muitos outros casos de brutalidade. Rufino (2019), sobre isso, destaca que todas essas barbáries que acontecem possuem semelhança e são todas representadas pela brutalidade entre as pessoas, um humano atacando outro humano por conta de sua cultura e raça. Barbaridades essas que estão relacionadas pela falta de empatia e valores sociais e culturais nas pessoas e que necessitam ser trabalhados, Adorno (1986), nessa perspectiva, salienta que a Educação é a ferramenta para combater a barbárie.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, robertoelber1999@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor, Faculdade de Pedagogia - Campus de Castanhal - UFPA, paulolucas@ufpa.br.

A educação segundo Libâneo (2001), é um ato fundamental e muito importante para toda a sociedade, é onde o indivíduo vem assimilar os saberes, valores, técnicas e habilidade através de sua ligação com os processos de comunicação interpretação. A sua prática social busca desenvolver características mais humanas nas pessoas. Assim, entende-se que a educação é um conjunto de processos, práticas, influências e ações que visam o desenvolvimento do ser humano dentro de suas relações com o meio social e natural. Ou seja, a educação é uma prática social humana, que vem a desenvolver as pessoas em seus estados físicos, cognitivos, culturais e sociais fazendo com que tornem-se mais humanos e podendo proporcionar uma boa vivencia em sociedade.

Com isso, a educação tem um grande papel contra a barbárie. Adorno (1986) no texto Educação Após Auschwitz, argumenta que a educação, quando se é pensada além dos termos técnicos, ou seja, pensada com o intuito de promover um sujeito autônomo, sensível, que não seja manipulável e que tenha um olhar crítico sobre o mundo é uma forma de combater esses horrores que acontecem na sociedade e assim formar uma sociedade mais justa.

Destarte, o presente artigo utiliza-se como principal aporte das reflexões a leitura sistemática a partir da percepção de Adorno, no texto “Educação após Auschwitz” (1986). Além de construir um diálogo com Fonseca, Colares e Costa (2019), Kirchner e Cipolini (2013), Antunes e Zuin (2008), Chaves e Souza (2018), Rufino (2019). A metodologia da pesquisa é de natureza ensaística e bibliográfica, baseando-se nos estudos do filósofo Theodor Adorno e busca destacar a importância da educação como condição que vem a ajuda na prevenção a barbárie, evidenciando como a sua falta se relaciona na manifestação de comportamentos bárbaros e explorando como a educação pode fornecer ferramentas para o seu combate, além de refletir sobre o papel do educador nesse contexto de prevenção a barbárie. Tendo como suporte para o trabalho o autor Theodor Adorno em seu texto Educação após Auschwitz, além de outros autores.

EDUCAÇÃO E BARBÁRIE

A educação é um direito de todo cidadão. Segundo o Artigo nº 205 da Constituição de 1988, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Diante disso, nota-se que a educação possui um propósito vasto, que

não se fixa apenas no desenvolvimento acadêmico, mas também no desenvolvimento pessoal, na formação de uma consciência crítica e de valores. É por meio da educação que as pessoas desenvolvem conhecimentos, competências e habilidades a serem exercidas em sociedade

A partir disso é preciso se refletir sobre a educação e começar a trabalhá-la na primeira infância, no seio da família e no convívio com as pessoas que cercam a criança, seguindo posteriormente para a educação escolar, onde indivíduo irar criar e firmar novos conhecimentos. Chaves e Souza (2018) argumentam que a escola é o espaço onde a sua função é de promover conhecimento significativos para serem utilizados em sociedade, além de que, busca o crescimento pessoal e a formação do sujeito para o mercado de trabalho. Assim, a educação precisa-se iniciar desde a primeira infância da criança e seguir acompanhando-a durante o seu crescimento. Como afirma Adorno (1986, p.3):

Se falo da educação após Auschwitz, tenho em mente dois aspectos: primeiro, a educação infantil, sobretudo na primeira infância; depois, o esclarecimento geral, criando um clima espiritual, cultural e social que não dê margem a uma repetição; um clima, portanto, em que os motivos que levaram ao horror se tornem conscientes, na medida do possível.

Na primeira infância, como alega Adorno, trabalhar a educação é um ato fundamental, pois, é nesta fase que a criança se encontra mais apta para aprender além de ser mais curiosas para as coisas do mundo, a família. Conforme Fonseca, Colares e Costa (2019), a infância é primeiro âmbito que precisa-se trabalhar para uma boa educação, a criança expressa aquilo que aprende na extensão familiar e é através dela que aprende-se a andar, falar, socializar e entre outros, sendo importante o cuidado do ensino nesses primeiros anos de vida. E elas precisam ter a devida atenção e precisam viver a sua infância, e assim terão mais chances de se combater a barbárie (ADORNO, 1986).

Nessa linha de raciocínio, Adorno (1986), prossegue comentando que a educação vem a se desenvolver junto a criança, trabalhando a afirmação dos valores humanos, tornando estes cidadãos críticos, sensíveis e conscientes. Deste modo, entende-se que a educação necessita ser pensada a partir do sujeito, iniciando-se desde a sua primeira infância, que é onde começa todo o seu desenvolvimento e a construção do seu caráter, e prosseguindo durante seu crescimento, na sua vida adulta, desenvolvendo assim as suas relações na sociedade. E para isso a famílias e as escolas precisam se empenhar e trabalharem juntas em prol da formação do cidadão e de uma sociedade estruturada.

Para a construção de uma sociedade estruturada, que busque a paz e o respeito entre todos, Adorno (1986) alega que a educação é o instrumento fundamental para tal

tarefa, além de ter um feito reverso contra a barbárie. Cabe ressaltar que, a educar não é de competência apenas da escola e dos profissionais de educação ou até mesmo das famílias, mas de todos. Os meios de comunicação, em especial os em massa, como rádios e TVs, também possuem um papel fundamental para a formação do indivíduo de forma crítica e emancipatória (KIRCHENER; CIPOLINI, 2013).

Neste sentido, Adorno (2023, p. 84), explana que “quando se afirma que a televisão deve servir ao entretenimento, à informação e à educação, então pressupomos que entretenimento, informação e educação colaboram na formação do desenvolvimento humano, isto é, do espectador e do ouvinte”. Ou seja, os meios de comunicação além de trazer o entretenimento e a informação também deve trazer a educação levando os expectadores a expandirem seus conhecimentos e habilidades, colaborando assim para o seu entendimento de mundo.

A prática educacional é um ato que precisa ser pensado e não pode vir atender apenas as necessidades individuais das pessoas, pois isto pode afetar no seu desenvolvimento pessoal, social e no enfraquecimento gradual na formação do seu eu, de sua identidade. Ao invés disso, a educação necessita ser pensada como um meio que vem a desenvolver e restaurar a capacidade das pessoas a terem experiências significativas em diferentes relações sociais vivenciadas (ANTUNES; ZUIN, 2008).

A educação pensada como tentativa de prevenção ao horror, precisa desenvolver no indivíduo pensamento crítico e consciente perante a sociedade e os demais indivíduos, evitando que sofrimentos sejam repassados, buscando combater qualquer grupo que gere violência. Em relação a isso, Adorno (1986, p. 6) explana que:

A meu ver, a medida mais importante contra o perigo de uma repetição, é contrapor-se a qualquer supremacia coletiva cega e aumentar a resistência contra ela, focalizando o problema da coletivização. Isso não é tão abstrato como poderia parecer diante do entusiasmo de pessoas mais jovens e de consciência progressista para se filiarem a qualquer coisa. Seria possível abordar o sofrimento que o coletivo inflige inicialmente a todos os indivíduos nele absorvidos. É suficiente pensar nas nossas próprias primeiras experiências na escola. Devem-se combater, antes de mais nada, aqueles costumes folclóricos, folk ways, rituais de iniciação de qualquer forma, que causam dor física – por vezes até o insuportável – a um indivíduo, como prêmio por pertencer a uma coletividade.

Diante disso, Adorno aborda que combater grupos que se criam na sociedade e geram violência, desrespeito e desigualdade é um meio para que a violência na sociedade não aconteça. Os jovens, como fala o autor, sentem a necessidade de pertencer a um grupo e acabam por se juntar com outras pessoas com o mesmo interesses, buscando se sentirem

pertencentes e aceitos, e é deste modo que grupos são formados, e principalmente os que geram violência.

Adorno acrescenta que o sofrimento absorvido pelos indivíduos, muitas das vezes são impostas pelo seu próprio coletivo, ou seja, pela própria sociedade. É importante se pensar sobre esse sofrimento repassado, pois, este também é praticado dentro das escolas e universidades, onde o indivíduo muitas das vezes é submetido a práticas desconfortáveis, como por exemplo os trotes universitários, como intuito uma recompensação, se sentir pertencente a algum grupo ou para serem aceitos no grupo. Com isso, é necessário que se reflita a cerca desses ritos e costumes de pertencimento a grupos, que venham a trazer algum tipo de sofrimento, para que sejam combatidos.

A vista disso, a educação é a ferramenta fundamental, que pode vir a combater a violência que se instala em todos os estratos sociais, além de desenvolver um caráter de adaptação e autonomia nos indivíduos. E conforme a humanidade se desenvolve, a educação também vem se modificando para atender as necessidades da sociedade (CHAVES; SOUZA, 2018). Com esses avanços surgem meios que facilitam a vida e o aprendizado das pessoas, como as tecnologias, porém, surgem também efeitos negativos. Rufino (2019), relata que mesmo que as tecnologias tenha melhorado a relação, a comunicação e encurtado a distância entre as pessoas, ela também facilitou para que o culto para o extremismo, radicalismo, armamentismo e muitos outros, que ideais que remetem a barbaridade. Neste sentido, Adorno evidencia que:

[...] nossa sociedade, embora se integre cada vez mais, incuba simultaneamente tendências desagregadoras. Essas tendências desagregadoras sob a superfície da vida civilizada organizada têm progredido extremamente. A pressão do geral predominante sobre toda a particularidade, os indivíduos e as instituições individuais tende a desintegrar o particular e o individual juntamente com sua capacidade de resistência. Com sua identidade e sua capacidade de resistência, os homens perdem também as qualidades graças às quais ser-lhes-ia possível opor-se àquilo que, a qualquer momento, possa novamente atraí-los para o crime. Talvez nem sequer consigam resistir, quando lhes é ordenado pelos poderes constituídos que voltem a praticar a mesma ação, desde que tal aconteça em nome de quaisquer ideais, nos quais nem precisam acreditar (ADORNO, 1986, P. 3).

Nesse contexto, nota-se através da fala de Adorno, que a sociedade, nos dias atuais está cada vez mais conectada em diferentes aspectos e com mais relações, mas ela também vem trazendo tendências que levam a separar a sociedade, fazendo com que as pessoas percam a sua individualidade e a capacidade de agir a partir dos próprios valores, levando a perda de identidade e a abertura de caminhos que levam a barbárie. Em meio a isso, a prática educativa quando proporciona para o aluno diálogo, participação e o

conhecimento de sua realidade e as de seus colegas, vem a alavancar a formação da identidade e autoconfiança (RUFINO, 2019), sendo um efeito contrário a violência.

Por esse prisma, Antunes e Zuin (2008) justificam que, um sujeito que reconhece sua limitação, diferença, desejos e possui suas particularidades está a caminho da autonomia. Outrossim, Adorno (1986, p. 4) fala que “a única verdadeira força contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia”. Nesse viés, uma a educação pautada no diálogo, respeito, diversidade e continuidade, proporciona a autonomia para esse sujeito e com isso evitar o desenvolvimento de práticas de caráter violento.

A perda de autoridade liga-se também com incapacidade das pessoas em criarem vínculos verdadeiros umas com as outras. Sobre isso Adorno escreve que:

O fato de as pessoas já não terem vínculos seria responsável pelos acontecimentos. De fato, a perda de autoridade, uma das condições do horror sado-autoritário, prende-se a esse contexto. A uma mentalidade sadia afigura-se plausível invocar vínculos que ponham um paradeiro ao sádico, destrutivo, devastador, mediante um enérgico “Você não deve”. Apesar disso, considero ilusório o expediente de valer-se de vínculos, ou mesmo a exigência de que se volte a manter vínculos, para que melhore o mundo e a situação da humanidade. A falsidade de vínculos incentivados apenas para que proporcionem alguma coisa – ainda que boa – sem que sejam por si mesmos substancialmente vividos pelos homens não tarda a vir à tona (ADORNO, 1986, p.4).

Perante o exposto, Adorno aponta que o vínculo pode até ter um papel importante no combate a crueldade, porém, a falta de afeto que existe nas pessoas impedem que estes criem laços verdadeiros uns com os outros. A afetividade, segundo Vecchia (2002, p. 109), “é a forma que o amor assume no ser humano”. Assim, na perspectiva dos autores, entende-se que o ser humano não possui amor para com o outro, “todas as pessoas hoje, sem qualquer exceção, sentem-se mal-amadas, porque não são capazes de amar suficientemente” (Adorno, 1986, p. 10).

Nessa perspectiva, vale salientar sobre as relações no ato de ensinar, o homem é o ser que mais necessita de afeto no seu nascer, é por meio disso que ele cresce e desenvolve sua independência, relações e identidade. O afeto na educação é fundamental para a formação de valores e a construção de conhecimentos sociais e científicos e principalmente na formação da identidade do indivíduo, pois a formação da identidade se dá através da identificação afetiva com o outro (Vecchia, 2002).

Sobre o exposto Rufino (2019) aponta que:

Sendo o direito à educação princípio basilar aos direitos humanos, ele só adquire razão de ser quando a prática educacional é exercida de uma forma dialógica e participativa, considerando a realidade dos sujeitos envolvidos. A partir de então, inicia-se uma prática reflexiva e de troca de experiências,

princiando a organização da subjetividade e da identidade dos indivíduos (Rufino, 2019, p. 5).

Deste modo, é notório a importância da educação ir além da simples passagem de informações e promova diálogo, reflexões sobre a realidade vivida e a participação ativa dos discentes, para que assim, a educação possa contribuir no seu desenvolvimento. Para mais, o afeto no ensino além proporcionar um bom desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, vem a evitar a barbárie e toda e todos os meios que levam a ela, como o sentimento de dominação e superioridade.

O professor, em meio a este contexto, possui um papel muito importante, por passar boa parte do tempo com as crianças é preciso este venha a trabalhar o desenvolvimento e as relações desses pequenos. Ademais, segundo Adorno (2023), a educação não deve ser algo pronto, que não permita que a pessoa decida a respeito da sua educação e isto acaba se tornando uma ideia contrária de uma educação que promova a autonomia, uma vez que a própria educação reprime o seu desenvolvimento. O ato de ensinar deve permitir que o aluno possa participar, se envolver e opinar, precisa ser pensada com igualdade, tendo sempre em mente a realidade de seus alunos, além de respeitar, ouvir e proporcionar o diálogo, a autonomia, a criatividade e a liberdade para possam se expressar de forma espontânea.

Vale ressaltar também que hodiernamente, assim como no decorrer da história, o homem vem desenvolvendo meios de dominação em relação a sociedade, e assim favorecer uma minoria. A busca de interesses próprios é uma dinâmica de egoísmo e competitividade já está impregnado nas pessoas. Sobre o exposto, Adorno aponta que:

A estrutura atual da sociedade – e provavelmente há milênios – não reside, como se tem ideologicamente atribuído desde Aristóteles, na atração entre os homens, mas sim na busca do interesse próprio de cada um contra os interesses de todos os demais. Isso penetrou profundamente no caráter humano. O que for contrário a esse conceito, o espírito gregário, da chamada lonely crowd, a multidão solitária, representa uma reação, uma aglutinação de pessoas frias que não suportam a própria frieza, mas também não podem modificá-la. (Adorno, 1986, p. 10).

Essa reflexão mostra que A busca por dominância acaba afetando todos aqueles que se posicionam contra o dominador, gerando violência. Essas características de dominância ainda prevalecem no contexto atual da sociedade, que resulta em uma sociedade individualista e fria. Com isso, a educação quando trabalha os valores e a igualdade entre as pessoas está colaborando para que a violência e o egoísmo não se proliferem e assim promover uma sociedade sem barbárie.

A educação, tanto como política pública prioritária, quanto valor social, efetivo ou cultural, é um meio de resistência a cultura da violência, na medida em que ela crítica, cria reflexões, dialoga e torna-se participativa, vem a combater princípios autoritários, racistas, e entre muitos outros, além de protege direitos, como o próprio direito à aprendizagem. A educação é o caminho contra a violência, pois esta é um gesto solidário e de amor, que conhece a realidade e por meio disso trabalha para a formação do ser humano e o combate a frieza e a desumanização. E é dever de todos garantir e lutar por uma educação como um direito para todas as pessoas (Rufino 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das breves reflexões que foram levantadas ao longo deste trabalho, nota-se que a educação tem um papel fundamental que pode vir a combater os sentimentos que levam a barbárie dentro da sociedade. Para isso, é preciso garantir uma educação de qualidade e acessível para todos. Cabe a sociedade juntamente com a família e o Estado proporcionar caminhos para a educação. Além disso, a partir das percepções de Adorno a educação deve ser algo pensado para o bom desenvolvimento do indivíduo dentro e fora da sociedade e deve ser trabalhada desde a primeira infância, pois é nesta fase que a criança recebe e fixa melhor os aprendizados. Assim, a família e a sociedade precisam favorecer e garantir uma boa educação para esses pequenos em seus primeiros anos de vida, para que cresçam com igualdade e respeitando o próximo.

Tudo ao redor do indivíduo vem a favorecer com o seu aprendizado, rede sociais, canais de TVs e rádio, também ajudam nesse processo, não sendo algo restrito apenas para o professor. Assim, é de extrema importância a utilização de canais educativos que favoreçam o desenvolvimento pessoal e social do sujeito.

O educador possui um papel muito importante para o aprendizado e no combate a barbárie. Este profissional quando trabalha com afetividade e proporciona a igualdade, respeito, autonomia, aprendizado e entre outros, favorece no desenvolvimento de bons sujeitos e conseqüentemente proporciona uma sociedade com menos violência.

A educação como abordada no decorrer do artigo, quando vem a ser pensada no sujeito para o sujeito, sendo trabalhada desde muito cedo, visando o respeito, o diálogo, a igualdade e pensamento crítico perante si e a sociedade está criando caminhos no qual levam ao combate a barbárie, ou seja, combater o racismo, o autoritarismo, o preconceito e todas as formas de violência.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. Trad. por Aldo Onesti, In: COHN, Gabriel (org). Coleção “Grandes Cientistas Sociais: Adorno”. São Paulo. Ática, 1986. Disponível em: <https://revistapittacosdotorg.wordpress.com/2015/10/20/educacao-apos-auschwitz-theodor-adorno/>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

ADORNO, T. W. Educação e emancipação. **Terra e Paz**, ed. 6, 208p. Rio de Janeiro, 2023.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p.33-42, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zqHCbb9MvDmKpg8HkRlPBXK/?lang=pt>. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

CHAVES, D. R. L.; SOUZA, M. R. de. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XMxfvL9nkJ7s8jQ8v9sSmjw/?lang=pt>. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

FONSECA, A. D.; COLARES, A. A.; COSTA, S. A. da. Educação infantil: história, formação e desafios. **Revista Educação & Formação**, v. 777777773424, n. 3, p. 82-103, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5858/585861585005/585861585005.pdf>. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

KIRCHNER, R.; CIPOLINI, M. O. A educação contra a barbárie: um confronto entre os ideais adornianos e jonasianos. **Horizontes**, v. 31, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/25>. Acesso em: 26 jun. de 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996. 148 p.

RUFINO, E. M. Educação e barbárie: os ideais freireanos e adornianos. In: **III Congresso nacional ciências criminais e direitos humanos**, 2019. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/cnccdh/article/view/11842>. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

VECCHIA, A. M. D. Educação e afetividade. **Revista Pedagógica**, v. 4, n. 9, p. 107-127, 2002. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3965/2279>.
Acesso em: 26 de jun. de 2023.